

O DIVÓRCIO

Comédia em 3 actos





Scuola Superiore di Teatro e Cinema

Scuola Superiore di Teatro e Cinema



EDUARDO
COMÉDIA EM MÁCTOS

Escola Superior de Teatro e Cinema

1969

ACADEMIA INSTRUTIVA DO PESSOAL RENAS
CÂMINHOS DE
FERRA DO LESTE E NORTE
SÉDE
ANTIGO TEATRO TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA

ACADEMIA INSTRUTIVA DO PESSOAL DOS
CAMINHOS DE FERRO DO LESTE E NORTE S.A.
SEDE
ANTIGO TEATRO TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA

PERSONAGENS

Eugenio	1	Eduardo Lourenço
Ricardo, advogado	3	Eduardo Lourenço
Justino	2	Alfredo Capelo
Pedro, criado	4	Adriano Castro
Agostinho, cozinheiro	5	José António Vaz
Joanna, mulher de Eugenio	6	Geórgio Divo Valle
Antónia, criada	7	Adelina Lopes

Em Lisboa = Actualidade

ACJO I

ACADEMIA INSTITUTIVA DO PESSOAL RENASCENTISTA
CAMINHOS DE
FERRO DO LESTE E NORTE
SEDE
ANTIGO TEATRO TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA

Gabinete elegante. Portas ao F. e laterais. Fogão e espejo. Bengaleira a um canto, com bengalas e chapéus.

SCENA I

Joanna e Eugenio

— Joa. —

(da D.F.a.1) Ja'te disse que sim!

— Eug. —

(da D.F.a.2) E eu ja'te disse que não!

— Joa. —

Isso veremos!

— Eug. —

Pois veremos!

— Joa. —

E' uma infamia! (sent. sofa')

— Eug. —

Não estou disposto a sofrer mais. Não, não e não! (sent. a' mesa)

— Joa. —

Maldita a hora em que casei contigo!...

— Eug. —

Maldita, sim! N'isso estamos

de acordo.

— Joa. —

Infame!

— Eug. —

(Inv. e approx.) Oiga, senhora. Isso...

— Joa. —

(Inv.) Queres bater-me? Bate, bate, bate!

— Eug. —

Uff!... Não sei como me contendo!

— Joa. —

(sent.) Ai! não estou boa... um medico!

— Eug. —

Sim, um medico, para ver se da' cabo de ti mais depressa.

— Joa. — leu.

Não! não quero adoecer! Ainda hei de viver muitos anos para te martyrizar.

— Eug. —

E' d'isso que eu me queixo.

— Joa. — sent.

Bastante rasão tinha a mama...

— Eug. —

Cala-te, cala-te! A tua mama

never teve razão em toda a sua
vida!

— Jsa. —

Bem me dizia ella: "Esse homem
vai fazer-te muito infeliz!"

— Eng. —

Então para que te deixou casar
comigo?

— Jsa. —

E havia de casar com alguém,
porque o casamento é o cami-
nho do futuro para as mulheres.

— Eng. —

E para os homens é o caminho do
Calvário.

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Jsa. —

(avr.) Basta de insultos! Isto não
pode continuar assim!

— Eng. —

Decerto que não pode!

— Jsa. —

E preciso tomar uma resolução!

— Eng. —

A minha já está tomada! (tocam
ao mesmo tempo a campainha) f. est. eng.

— Joa. —

Bem sei o que hei de fazer! (sae E.A.)

SEENAS II

Eugenio, logo Antónia, Spt. Joanna

— Eug. — 2

De quarto em quarto d' hora ima
questão! Agastar-se assim nem
eu sei já porquê... Mas foi ella
quem começou... com certeza! E'
ella sempre quem começa... (a Anto-
nia, que ent. F.E.) Suba ao segundo an-
dare e diga, da minha parte, ao
dr. Justino...

— Aut. —

O advogado?

— Eug. —

Justamente. Diga-lhe que necessi-
to falar-lhe imediatamente,
e que lhe peço o favor de vir a
minha casa

— Aut. —

Vou já. (ap. subindo) Que terei havido?

— Eug. —

Olhe lá! Diga-lhe que traga o
codigo.

— Ant. —

(dame) Para quê, patrão?

— Eng. —

Não é da sua conta! Vai e não se demore.

— Ant. —

La' vou, la' vou. (ap. subindo) O código... o código...

— Joa. —

(da E.H.) Esta carta ao seu destino. (da a carta a Antonia, que rae. Olha para Eugénio, faz um arre-
messo e rae)

SCENA III

Eugenio, ap. Justino

— Eng. —

(ant.) Dois anos n'este inferno!...
Era a mulher que, em solteira,
mal se lhe ouvia a voz, agora
grita como uma tigela num
concertante e a todo a hora
arma questões!... Não como...
não durmo... os senhorios des-
pedem-me... os inquilinos abor-
recem-se, e até o regedor me
tem na conta de mal com-
portado. Eu, (ir.) o homem mais

pacífico de quantos comem são.
Isto é: de quantos o não comem,
porque eu nem posso comer des-
cançado!... E, apesar de tudo, amo-
a como um louco, como um estu-
pido que sou!... Mas, não! Não
me deixarei avassalar por uma
paixão indigna! Separar-nos-
mos para sempre!... O divócio,
para que não haja reconcilia-
ção. Reconciliar-me? Antes a
morte! (Toma à D.)

— Just. — 1

(do F.E., at) Eis-me, sr. Eugenio.

— Eng. —

Vou devor-lhe mais do que a
vida, doutor.

— Just. —

Em que posso ser-lhe útil? E co-
mo homem ou como advogado?

— Eng. —

Como advogado.

— Just. —

Magnífico! É o meu forte! E, ain-
da que me esteja mal dizer-o,
não podia ter escolhido melhor.

(a um certo de Eugénio sent. no sofá e elle à mesa) Desde que me formei em Coimbra até agora tenho defendido novecentos criminosos e destes não foram pela barra fora nenhum, talvez, oitocentos.

— lug. —

Não me parecem poucos!

— Just. —

Comissare o senhor este numero com o dasquelles que eu não defendi e verá que os meus são em menor numero do que os de todos os meus collegas.

— lug. —

Acredito. Mas, vamos ao meu assunto.

— Just. —

De que se trata?

— lug. —

De uma coisa horrivel.

— Just. —

Alguém roubó? Alguém assassinató? Ainda bem. As causas cri-me são o meu forte.

— Eng. —

Roubo?! Assassinato?! É coisa mu-
ito pior.

— Just. —

Um crime novo?! Desses que dão
fama a um advogado? Pois torno
a causa a minha conta. Não que-
ro que ninguém me tire essa
glória!

— Eng. —

Ora oiga. Vivia tranquillo e feliz
um homem em casa de seus pais,
rodeado de carinhos e de cuida-
dos, seu lar que sensar em ga-
gar ao senhorio nem a ninguém...

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Just. —

E fazia muito bem... não pagar a
ninguem.

— Eng. —

Este homem encontrou um dia
uma mulher...

— Just. —

Mau!

— Eng. —

Bonita...

— Eng. —

Pior!

— Just. —

Jovem... — lug. —

Ainda seor! — just. —

Briga. — lug. —

Isso ja' não e' tão mau. — just. —

Pois eu encontrei uma mulher
n'erradas condições. — lug. —

Onde está' ella? (u.) — just. —

Espera. (Jusino sent.) Essa mulher mos-
trava-se inclinada a receber a
corte que eu lhe fazia. Que deve-
ria fazer? — lug. —

Nada. Não lhe dar importância
e encaminhal-a para mim. — just. —

Que teria o senhor feito no
meu lugar? — lug. —

Mudava de lugar para mais — just. —

perto d'ella.

— Eng. —

E depois casava?

— Just. —

Não; depois não casava. Não casaria em circunstância alguma.

Visto isso não é apologista do casamento?

— Eng. —

Decerto que não.

Instituto Politécnico de Lisboa

— Eng. —

Ainda que encontrasse uma mulher excepcional?

— Just. —

Não senhor.

— Eng. —

Se todos pensassem assim, acabava-se o mundo.

— Just. —

Não senhor.

— Eng. —

Pois eu casei.

— Just. —

E' esse um dos grandes delictos que levam logo a pena consigo.

— lug. —

Que pena soffrem, então, os maridos?

— Just. —

Atiraram as mulheres. Ainda lhe parece louco?

— lug. —

E para essa pena, não há indul-
to possível?

— Just. —

Sim... o divócio.

— lug. —

E, justamente, o que eu pretendo.

— Just. —

Mas, para isso, são precisas cer-
tas provas.

Escala Superior de lug. e Cinema

Quero dizer.

— Just. —

Suspeito que a sua mulher lhe é
infiel?

— lug. —

Não senhor.

— Just. —

Pois é' pena.

— lug. —

Que diz o senhor?

— Just. —
É claro; porque se assim fosse já havia motivo.

Um demônio! (A)
— Eng. —

(X) Ben; procuremos por outro lado. Ela nunca lhe bateu?

Era o que me faltava!
— Eng. —

— Just. —
É pena! Com uma boa esposa tínhamos o negócio arrumado. O senhor nunca teve filhos?

— Eng. —
Não; ainda que...

Sua esposa também não?

— Eng. —
Decerto.

— Just. —
É falta de sorte. Realmente, não sei como se faça de conseguir o divórcio, porque não há nenhumas das condições que a lei exige: nem infidelidade, nem se-

viúvas ... (recordando-se) Ah! faltou delaspi-
dação de dote. O senhor, por acaso,
esbanyou o dote de sua esposa?

— Eng. —

Não tere dote. O pae não quis dar
lhe meu cinco reis.

— Just. —

Nesse caso, decerto não o grande
delaspidar. (remendo) Ah! diferença de
religião. O senhor é judeu?

— Eng. —

Não senhor. Minha mulher é que
é judia.

— Just. —

(com alegria) Ora ali está!

Escola Superior de Teatro Eug. e Cinema

E' judia, mas somente por ju-
diar comigo.

— Just. —

Eufim... Veremos o que se ha de
fazer. Desejava lómar alguns
apontamentos.

— Eng. —

Vamos para o meu escritorio.

— Just. —

Sim. Tudo se ha de arranjar ...

Quero dizer: tudo se ha de desarranjar. (saem F.D.)

SCENA IV

Antónia e Ricardo

Ric.

(do F.E.a) A tua ama chamou-me, de certo para negocio de muita importancia. Eu sou amigo intimo da casa e tua ama confia de mim todos os seus segredos. Eu sou mudo como um sepulcro, por isso alcancei a confiança das damas. Sou o advogado do bello sexo. Ainda hoje a esposa do silveira me encarregou de espiar o marido... a Araujo perguntou-me qual a maneira de dotar o filho o mais economicamente possível... Em fin, todos me querem, porque sou muito calado; um verdadeiro sepulcro.

Ant.

Um sepulcro que fala pelos cotovelos.

Ric.

Não faco mais do que cumprir

com a minha obrigação. Os clientes pagam-me para que eu fale; para que ponha pelas ruas da amargura o advogado contrario. No tribunal somos de uma amabilidade... Dizemos, por exemplo: "O meu illustre collega e distinto advogado, é um tolo... um idiota... seja dito seu offensa."

— aut.

— E o outro não lhe atira um tinteiro á cara?

— Nic.

Qual! O outro agradece as amabilidades do seu antagonista. Mas... diz-me, encantadora sequenza... porquê tu, na verdade, és encantadora.

— aut.

— Pois ainda agora reparas?

— Nic.

Se precisares alguma vez de mim, lembra-te de que sou o advogado do bello sexo. (vou abraçá-la)

— aut.

(f.a.d) Então... esteja quieto.

— Ric. — 2

Não, minha filha; a justiça é pri-
meiro do que tudo. mereces um
abraço e por isso t'ô queria dar.
Mas... olha lá: Porque me chama a
má amiga? Haverá alguma questão
com o marido?

— Aut. —

Iuva?! Iuva por dia, pelo menos.

Take

— Ric. —

(cantante) Bello! Bello! (Joanna fala dentro, F.H.)

— Aut. —

Ahi veiu a senhora.

— Ric. —

Ella me dará os primeiros. Eva-
cua a sala. Superior de Teatro e Cinema

— Aut. —

Que diz o senhor?!

— Ric. —

Que te vais embora.

— Aut. —

Como me falou em latim... (veja F.E.)

SCENA V

→ Ricardo e Joanna

— Joa. —

(da F.H. a 1) Sr. Ricardo: agradeço-lhe

o ter vindo.

— Rie. —

Estou sempre ansioso por ser prestável a V. Ex^a.

— Joa. —

(indica-lhe a cad. da mesa e sent. sofa) Sei que é um homem discreto e reservado.

— Rie. —

Muito reservado, mas estou impaciente por saber do que se trata.

— Joa. —

Meu marido e eu somos incompatíveis.

— Rie. —

Isso acontece a quasi todos os casados. Ainda não h^a uma semana que se sentenciou a meu favor um pedido de divórcio.

— Joa. —

E qual foi a offensa que o marido fez? Quero que o meu marido me offenda da mesma forma, visto ser bom o fundamento.

— Rie. —

A offensa... foi uma carga de pau!

— Joa. —

Nada, isso não. Não me convém tal offensa.

— Ric. —

Mas V. Ex^a não deseja o divorce?

— Joa. —

Dependendo d'isso a minha felicidade.

— Ric. —

Pois faça com que seu marido
lhe quebre a cabeça, e será feliz.

— Joa. —

Obrigada. É uma felicidade que
eu dispenso!

— Ric. —

Buscaremos outro meio. Seu ma-
rido guarda-lhe fidelidade?

— Joa. —

Não muito.

— Ric. —

E tem provas?

— Joa. —

Uma carta que lhe encontrei
no bolso.

— Ric. —

Permita-me que a veja.

— Joa. —
~~(lendo uma carta do rei)~~ Preveria isso. Aqui a tem. Eu leio. ~~(lendo)~~* meu querido "Eugenio." ~~(delame)~~ Repare bem: "Ungenio." Isto quer dizer que a mulher que escreveu não tem uma educação esmerada. ~~(lê)~~* Eu julgava que a medalha que me deste era de ouro, mas os ourives dizem que é de "plaquet". Isso é um hypocrita seu vergonha. Tua, Antonia." ~~(lá-aba a carta)~~

— Ric. —

É uma carta muito expressiva, ~~(gu-~~
~~anda-a)~~ mas só por si não basta.

— Joa. —

Pois não prova ella que meu marido tem uma amante, a quem da de presente medalhas de "plaquet"?

— Ric. —

Para que o divócio se realize, a lei exige que o marido tenha a amante debaixo do tecto conjugal.

— Joa. —

Pois não é pouco exigente!

— Ric. —

Creia, V. Ex.^a, que o melhor meio é deixar-se maltratar por seu marido.

— Joa. —

Considere que é demasiado forte.

— Ric. —

Quanto mais forte, melhor. Se elle lhe quebrasse a cabeça era bem bom; sabíamos da empreza perfeitamente.

— Joa. —

O senhor sae bem da empreza, para eu sair de cabeça partida. Não basta que eu declare que elle me maltrata?

Escala Superior. — Ric. —

Não basta. A lei exige testemunhas.

— Joa. —

D'essa forma, é preciso que elle me bata no meio da rua. (lex.)

— Ric. —

Não digo tanto; mas confesso que isso seria o mais conveniente.

— Joa. —

Pois eu acho inconveniente. Que havemos de fazer, doutor?

— Ric. —

Não sei. (lex.)

— Joa. — ~~Lobe bfp e par a d. fund.~~ ^{superior}

Invente alguma coisa. Para isso é que servem os advogados. Sinto passos... talvez meu marido. Não diga nada.

— Ric. —

Serei mudo.

— Joa. —

Diga que veio visitar-nos. (ac.E.A.)

SCENA VI

Ricardo e Justino

— Just. —

(do F.D. falando para dentro) Não me demoro. Farárei a rassariga. (meu a2) Oh! tu por aqui, meu querido discípulo!? Que vens ca' fazer?

— Ric. —

Visitar estes senhores. E o meu caro mestre?

— Just. —

Equalmente.

— Ric. —

Que traz na mão?

— Just. —
Eu te conto. Fiz e hontem uma audi-
encia que fez sensação. Uma de-
manda que defendi com grande
habilidade.

— Rie. —
E ganhou a causa?

— Just. —
Não; perdi-a por uma inconvenien-
cia do meu cliente. Calcula: tratava-
se de dar um soco a uma criança
de tewra edade. Eu estava de peor
partido, porque o advogado que de-
fendia aquelle que eu accusava de
seductor, tinha producido um ar-
gumento que te recomendo, e
que tenciono aproveitar na pri-
meira occasião.

— Rie. —
Que disse, então? (sent.) ^{jague de guerra}
^{na cax. junto d'um en-}
^{na reg.}

— Just. —
Além, estava o meu constituinte,
homem feio, cuja cara denuncia-
va ignorância e estupidez, cir-
cunstâncias estas que favoreci-
am o seu advogado, que dizia com

calor: "Accusa-se aquelle homem de seductor! Que loucura!... Tres unicos meios existem de seducao: a formosura, o talento e a riqueza. Que o meu cliente não é formoso, não resta a menor duvida; basta olhar-lhe para a cara." O cliente: "Bravo!" Risos. O juiz lóca a campainha. O collega prossegue: "Que seja o talento a arma da seducao, é impossivel, porque elle é um bruto." O cliente: "Bravissimo!" Riso e rumor no publico. "A riqueza, também não, porque eu não consegui que elle me pagasse os honorarios, apesar de todo a minha logica."

— Fis.

A situação, para o senhor, era difícil.

— Just.

Eu não esmoreci, e teria ganho a causa, se a não tivesse perdido...

— Fis.

É claro. (ver.)

— Just.

... se a não tivesse perdido por

uma inconveniencia do meu apa-
drinhado. Depois de esgotar todos
os meios oratórios, appellei para os
sentimentões: "Além está, senhores-
dizia eu entusiasmado, apontan-
do para o pequerrucho - aquella de-
bil criança que, pela perversida-
de de um pae desnaturalado, se
encontra sem um pedaço de joão
que levar aos olhos, e sem uma mão
carenciosa que lhe enxugue a boe-
ca!" Comunicação geral. A mãe des-
molia; uma velhota sensivel leva
olento aos olhos. A situação era
minha; um passo mais e estava
ganha a causa. Para isso, tomei
a criança, que sentei nos meus
joelhos, e que começou a chorar
como uma desesperada. Oh! que
momento! So' de pensar n'elle
me enternecço. Toda a gente cho-
rava. "Bem veem, senhores, a pro-
bre criaturinha lavada em lá-
grimas."

— Fis. —

E depois?

— Just. —

Mas n'isto, por fatalidade, o juiz lem-
bra-se de perguntar ao petiz: "Porque
choras, meu filho?" E o rapaz grita
em altos berros: "Porque este senhor está
a dar-me beliscões."

— Ric. —

(riso) Abs! Abs! Abs! (riso)

— Just. — 1

Todos fizerau como tu, e perdi a
causa.

Instituto Politécnico de Lisboa

— Ric. —

Era de supôr.

— Just. —

E tu, que fazes agora?

Escola Superior de Teatro e Cinema

A causa mais importante é uma
acção de divorcio.

— Just. —

Requerida pelo marido ou pela
mulher?

— Ric. —

Pela mulher.

— Just. —

E quem é ella?

— Rie. —

Não posso dizer-o; prometi segredo.

— Just. —

Eu também não te peço que me digas o nome da mulher; diz-me, apenas, o do marido.

— Rie. —

(ap.) Inventemos um. (altô) Polycarpo Garcia. (altô)

— Just. —

Garcia... Garcia... já ouvi este apelido em alguma parte.

— Rie. —

Podre ser. ^{Isso é dela mesmo} (assunto)

— Just. — 2

(ap.) Não é elle, é o principal. (altô) Se em que alturas vai isso?

— Rie. —

Vae bem, mas faltam-me as provas.

— Just. —

Que importa! Quando não as ha, inventam-se. Mas dispensa-me, tenho que falar com... (sobe ao F. E. da mesa) Rapsaria... rapsaria... Dás licença, não é assim? (sobrando)

Pois não! ^{Nic.}
^(sent. à mesa e escreve na carta)

SCENA VII

Os mesmos e Antónia

^{Nic.}

^(vendo a carta) Se pudesse aqui encontrar alguma prova? ^(lendo) "Eua, Antónia."

^{Just.} — 2

(a Antónia, que entra F.E. a 1) Ouve, rapsaria.

^{Aut.} — 1

Eue deseja?

^{Just.} —

Como te chamas?

^{Aut.} —

Antónia. Superior de Teatro e Cinema

a 8

a 1

(var.) Como! Antónia?!

^{Just.} —

Eue tens?

^{Nic.} —

Nada. ^(sent. a ver a carta) "Meu querido Eugénio..."

^{Just.} —

Taes falar-me de teus amos.
Como vivem elles?

O sr. "Eugenio," — Aut. —
O patrão tem o genio bastante arrebatado.

(Ex.) "Ugenio"! Tu disseste "Eugenio"?! — Ric. —
— Aut. —

Suu señor; que ha n'isso de exce-
traordinario?

Nada... é que... — Ric. —

Continuas a ser um rectâ - giro-
nuncia. (a autónoma) Não gostou de te
ouvir dizer "Ugenio?" — Just. —

Porquê? Escola Superior de Teatro e Cinema

Porque não se diz "Ugenio"; mas... — Just. —

(tomando o braço de Justino) Silencio! Deixe-a
viver na ignorancia. — Ric. —

Porquê? — Just. —

Porque a ignorancia é a felici-
dade. Deixe-a ser feliz. (a autónoma) — Ric. —

Continua a dizer "Ugenio."

— Aut. —

Direi como o senhor quizer.

— Just. —

O que queres dizer?

— Rie. —

(ap.) Falta uma prova. (alto, p. a. e) Dize-me:
Tens alguma medalha?

— Aut. —

Sim senhor.

— Rie. —

E' de ouro?

— Aut. —

Isso era bem bom! E' de "plaquet".

— Rie. —

(muito contente) De "plaquet"!... le quem
foi que t'a deu?

— Aut. —

E ao senhor que lhe importa?

— Rie. —

(afeminado) A mim que me importa?!
E' ella... e' ella! Tenho-a em meu
poder!

— Just. —

A quem?

— Rie. —

A amante.

Qual amante? — Just. —

A amante debaixo do tecto conjugal!

Que dizes tu?! — Just. —

A prova! Tenho a prova! — Just. —

Bem, homem; deixa-te de provas e deixa-me falar a rasariga. (Ricardo teme notícias na carta) Vamos a ver. Tu não sabes nada da tua ama?

Porquê? Ha alguma novidade? — Aut. —

Não. Pergunto-te se sabes alguma coisa dos amores da tua ama com... (d.) Se souber alguma coisa, cai logo. (alto) Com...

Com quem?! — Aut. —

Com elle. — Just. —

Quem! aquelle senhor?! (indica Ricardo) — Aut. —

— Just. —
Este senhor?! Tu sabes alguma coisa
d'este senhor?

— Aut. —
Sei, apenas, que lhe entreguei ha-
jevou uma carta da parte da
minha ama.

— Just. —
Uma carta da parte da tua ama?!

Sim.

Instituto Politécnico de Lisboa

— Just. —
E mais nada?

Mais nada.

— Escola Superior de Teatro e Cinema
E' bastante. Podes retirar-te. Eu
também tenho a prova teste-
munhal. (António coe F.E.)

SCENA VIII

Ricardo e Justino

— Just. —
Pelo que vejo andas em relação
com a dona da casa. (op. g. 2) Fin-
gindo que sei tudo, conseguirei

que elle confesse.

— Ric. —

Eu ?!

— Just. —

Pelo menos não negarás que es-
ta' enamorada de ti.

— Ric. —

De mim ?!

— Just. —

Sei tudo.

— Ric. —

Mas como ?

— Just. —

Primeiro, porque a criada acaba
de m'o dizer; e depois, sei que
quer divorciar-se e, com certeza,
que é por tua causa.

— Ric. —

É' possível ?!

— Just. —

(*) Magnífico ! Agora só falta que
ella lhe bata.

— Ric. —

Aconselhe-me. Que devo fazer ?

— Just. —

Homen; eu, n'estes caros, não

posso aconselhar.

— Rie. —

No meu caso, que faria?

— Just. —

Eu?! (esfugando as mãos de contente e rindo, rebete) Abs! Abs! Abs!

— Rie. —

Pois é o mesmo que vou fazer.

— Just. —

O quê?

— Rie. —

O mesmo que o senhor. (intimidando-o, rebete)
Abs! Abs! Abs!

(na esc. E.) Fazendo!

— Just. —

Porem, não tendo a certeza...

— Just. —

Ela não te escreveu uma carta?

— Rie. —

Escreveu.

— Just. —

E não deixa perceber...

— Rie. —

Não reparei bem.

— Just. —

Pois respara, homem; respara.

— Rie. —
Vou imediatamente. Deixa-a
em casa. Ah! se assim fosse... (ao F.E.,
cantando)

SCENA IX

Justino, depois Antônia

— Just.

Isto talvez dê bom resultado. Ago-
ra, só falta que ella lhe bata di-
ante de testemunhas. Mas, quem
hão de ser as testemunhas? Ah!
serão os criados. (chamando ao F.E.) Anto-
nia! Antônia! (dene) Os criados e eu.

— Aut.

(ao F.E. af) Que deseja o senhor?

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Just.

Chama todos os criados da casa.

— Aut.

Porquê?

— Just.

Cala-te e obedece. B'para teu in-
teresse.

— Aut.

Obedeço. (voz ao F.E. e drama) Pedro!... Agostinho!... Venham ca' depressa! (dene)

— Just.

(ap.) Parece-me que é o melhor que
tenho a fazer. (int. F.E. Pedro e Agostinho)

SCENA X

Os mesmos, Pedro e Agostinho ao F.M.

— Just.

São bastantes. Vocês não esconder-
se onde eu lhes disser e quando
ouvirem n'esta sala ruído de
bofetada ou outra qualquer es-
pecie de pancada, aparecerem de
repente e direm: "Si é tu?"

— Ant.

E que teremos visto?

Escola Superior de — Just. — Cinema

Seja o que fôr. Que te importa?

(segundo os criados; a autonomia) Tú, aqui, atrás
d'esta porta, de modo que não
te vejam.

— Ant. — p. 2 - D.A.

Mas, aqui é o quanto do patrão.

— Just.

Que tem isso? Entrá e cala-te. (neta
a no quanto) Isto, é o principal; e se der
bom resultado... Justino: é preci-

so que te convenças de que tens
muito engenho. Sua senhor, aqui
ha muito miolo. (bate com força na testa.)

— Aut. Pedro e Ago. —

(aparecendo as portas) Tí tudo! Tí tudo!

— Just. —

(a Antonia) O quê! O que é que viste?

— Aut. —

Senti ruído de bofetadas.

— Just. —

Fui eu que fiz assim... (bate na testa)

Escondam-se outra vez. (os três saem)

SCENA XI

Justino e Eugenio

Escola Superior de Teatro e Cinema

(Eugenio, que ent. F.D., a 2) As minhas investigações, interrogando a criada, não deram o resultado que eu esperava; mas se o senhor conseguisse que sua mulher lhe batesse, estava tudo arranjado.

— lug. —

Mas...

— Just. —

Nada, nada! É' indis pensável.

(Joanna fala dentro, E.R.) Ella sói veiu. (saé F.D.)

SCENA XII

Eugenio, Joanna, depois Ricardo

— Joa.

(da E.H. a 1.º p.) Dix o doutor que é preciso que elle me bata.

— Eug.

(ap.) Que triste situação para um marido, deixar que sua mulher lhe bata. Mas não há remedio... Farei todo o possível para o conseguir.

— Joa.

(ap.) O caso, é que, como nunca me bateram, a primeira vez há de doer-me deveras.

— Eug.

(ap.) Como conseguir que ella me bata?

— Joa.

(ap.) Se eu lhe pudesse dizer: "Bata-me, mas não dê muito de rijo..."

(ella ameaça furamente)

— Eug.

Porque olhas para mim? Tems o alguma coisa na cara?

— Joa. —

(ap.) Ja' se ranguou. Isto vai bem! (alto)
Estou olhando para a tua cara,
porque é uma verdadeira cara
de tolo. (ap.) Vai bater-me. (quererá-lhe a
cara)

— Eng. —

(ap.) Enfadou-se! Bello, bello!

— Joa. —

(*) Pois não me bates?

— Eng. —

Parece que me insultas?

— Joa. —

Ainda o duvidas? Vê o que fa-
res; pois, se me enfado, sou capaz
de...

— Eng. —

De quê?

— Joa. —

De encher-te a cara de bofetadas.

— Eng. —

Sempre desejava ver isso. (ap.) Se
fosse capaz...

— Joa. —

(ap.) O melhor é abrir-lhe o cani-
nhos. (vae à Bengala) Meu Deus! qual

d'estas bengalas fará doer menos?

— lug. —

(ap.) E e' casaz d'isso. Foi buscar
uma bengala... aprocima-se... Ago-
ra e' que e' certo! (vulta-lhe as costas)

— joa. —

(dando-lhe a bengala) Torna.

— lug. —

Para que me dás isto?!

— joa. —

Para que me batas, se e's casaz.

— lug. —

Ah! eu julgava que...

— joa. —

Porque tenho que dizer-lhe tudo
que me vier a' bocca. (vulta-lhe as costas) O
senhor e' um canibalha! (torna) Um
infame! Um bandido! (ap.) Pois
ainda nãõ?! (ele) Bata, senhor,
bata!

— lug. —

Então, nãõ eras tu que querias
bater-me?

— joa. —

(levantando a mão) Decerto que sim.

— lug. —

(levantando a mão) Como! Serás capaz...?

— Joa. —

Da' tu primeiro.

— lug. —

Não, da' tu.

— Joa. —

Cobarde! ~~X~~ 2

— Eng. —

Deixa-me em paz! (vai a sair F.E. e esbarra com Ricardo, que entra apressado)

Instituto Politécnico de Lisboa

— Ric. —

Ui! com os demônios!

— Eng. —

Vá para o inferno! (sai F.E.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

SCENA XIII

Joanna e Ricardo

— Ric. —

(ap.) Ficou só! (é a carta)

a sig. da nozada.

— Joa. —

(sent.; ap.) Pois senhores... como se arranjariaão as mulheres que não deixam passar um dia sem que os maridos as lôzem? (fim pensativa)

— Ric. —
(es.) Justino tem razão! (endo) "Tinha
seu ser visto." Não há dúvida,
ama-me. (alto) Minha senhora...

— Joa. —
(eu.) Sr. Ricardo...

— Ric. —
Sei tudo. Sei a causa que a in-
cita a querer o divórcio.

— Joa. —
E é indissensável conseguil-o.

— Ric. —
Conseguir-se-lá. Tenho dados, te-
nho provas. Sim, querida Joa-
na, sei que me amas! (aponta-se-lhe
aos pés) Escola Superior de Teatro e Cinema

— Joa. —
Que diz o senhor?!

— Ric. —
Revelaram-me tudo.

— Joa. —
Disseram-lhe que eu o amo?

— Ric. —
Sim. Não me resta a menor du-
vida... (eu.)

— Joa. —
E' inacreditável!...

— Rui. —

E estou disposto; se não conseguirmos o nosso fim, roubal-a-bei, milha querida Joana. (quer abusá-la)

— Joa. —

Insolente! (da: desejava uma despedida e Joana) sig. 87

SCENA XIV

Os mesmos, Antónia, Pedro, Agostinho e Eugenio

— Rui. —

Ah!...

Instituto Politécnico de Lisboa

— Ant., Pedro, Ago.

(ent.) Si tudo! Si tudo!

— Rui. —

(querendo levá-la) Sei que me amas! Partamos! (José ent. F.D.) Joa. p. int. da b. e

— Eug. —

(do F.E.) Que oigo! Anna-o!? (avança para elle)

— Just. —

(impedindo-o) Oportuno! Sóu servir! Andava... um rasto frustrado... a prova de que carecemos. (abraça Eugenio, que pretende desmenti-lo, arreia) Muitos parabens, meu amigo! Muitos parabens!...

Ex.

ACTO II

ACADEMIA INSTRUTIVA DO PESSOAL
CÂMINHOS DE
FENÔMENOS DO LESTE E NORTE
SEDE
ANTIGO TEATRO TABORDA
GOSTA DO CASTELO 7.
LISBOA

A mesma decoração do anterior

SCENA I

Eugenio, depois Antonia

— lug. — ~~luit. mar. esp. para titilar de luto~~
~~frente de fogo~~

(de chambres, junto aos fogões, com um livro na mão) Nunca
vi um livro mais aborrecido! Não
sei o que tem todos os livros, que
ha uma semana me aborrecem
de um modo insuportável! (suss.)
Uma semana! Ha uma semana
que minha mulher saiu d'esta
casa e porquê? Porque tivemos
uma questão. (suss.) Porque foi a
questão? (suss.) Não me posso lem-
brar, por mais que faça. É uma
boa qualidade que tenho: es-
queço tudo. Largo-me com qu-
alquer pessoa, quebro a cabeça,
e cinco minutos depois estou co-
mo se nada fosse. (suss.) Que silen-
cio! Esta casa parece um ce-
mitério!... Minha mulher ani-

mava-a tanto com as suas ranguas. Minha mulher! Sempre esta ideia! Fudo m'o recorda! Esta cadeira... bem a recombeço; foi a que ella me atirou á cabeça, n'aquella noite. Felizmente, bateu em minha sogra. Agora já não tenho quem me atire com cadeiras! E porquê? Porque que minha mulher resolveu ir viver para uma casa de feras. (da um mundo na campainha) E tu, Eugénio, consentiste! Estúpido! Grande animal!...
(sent. no sofá)

— Aut.

(20.F.E.) O senhor chamasu?

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Iug.

Eu?! Eu, não. Quero dizer: chamei.

— Aut.

Que deseja?

— Iug.

Para que te chamei eu? Imbecil!

— Aut.

Porque me chamou imbecil?! Provavelmente por ser verdade.

— Iug.

(21) Esta ^{minha} rapariga não se enfada

e sofre tudo. Os outros criados são tão submissos que é impossível arrumar uma questão. (do) Traze-me a sobrecasaca. (autoria de E.A.) Vou sair. E aonde? Não sei. As Colyseu. É a parte onde me aborreço menos.

— Aut. —

(de E.A. com a sobrecasaca e o chapéu) Aqui está.

— lug. —

Bem. Deixa-me. (autoria de F.E.) Vou sair, e a primeira pessoa que olhar para mim quebro-lhe a cabeça. (o charme, põe o chapéu e, distraiu damente, veste o chapéu) Onde estaria o meu chapeu? A rapariga não o traria? Ah! Tenho-o na cabeça. Levo a bengala de estoque, por causa das durvidas. (vai buncar a bengala) O primeiro que me aparecer, atravesso-o! (de F.D.)

SCENA II

Antónia, depois Justino

— Aut. —

(de F.E.) Vejamos se está tudo em ordem. A senhora recomendeu-me que não faltasse nada

arruma a casa, pondo a cedura que está perto da fogão, no seu lugar

as patrões e que não o contrariasse. Fomos eu, deu-me um abraço e eu consenti, atendendo ao que ella me disse. Pobre senhora! É tão bondosa! Tem muito mau gênio e, de vez em quando, dá-me um soprasso, mas logo em seguida gratifica-me com ~~uma libra~~; e como eu estou para casar... (ponderando) Ainda me faltam vinte e cinco soprassos. (tem arrependido a casa. Reparando) Ora está! a sobrepasaca está aqui... Salvez levarei o casaco.

— Just. — 1

(do J. E. Com um grande maço de papéis debaixo de cada braço, e outros dois na mão) Olá, rasaria! O patrão está em casa?

— Ant. — 2

Não senhor; saiu.

— Just. —

Pois sinto muito.

— Ant. —

Porque rasão traz tantaos papéis?!

— Just. —

(F. A.) Isto é o processo de divórcio de teus amos. Venho a sua...

Faze o favor de enxugar-me a testa. O lenço está n'este bolso. (vidas com a cabeça. Autónia executa) Obrigado. Tira-me o chapéu. (Autónia tira-lhe o chapéu e caem de dentro vários papéis) Assim, assim! Não se perca algum!... Isso é uma
^{criada} pequena de truz! Então o seu paixão não está em casa? Tenho pena, porque vinha ler-lhe o processo. ~~António~~

— Aut.

Sobre senhora!... O senhor não podia remediar as coisas?

— Just.

Hei de desfazer tudo. Quando vier tenho avisa-me, porque eu subo a minha casa. Não é melhor entrar ali no escritório, para tirar uns arcontamentos. Escuso de andar a subir e a descer, carregado com toda esta papelada. (encaminha-se para o F.D., deixando ver, ao voltar-se, um grande rolo de papéis salindo dos bolsos traseiros da sobrecasaca. Sae F.D.)

SCENA III

Autónia, logo Joanna

— Aut. —

Não posso ver os advogados! Este,
vai fazer uma desgraça. Depois
de tantas dificuldades com que
uma mulher luta para se casar...

— Joa. — 1

(de F.E. de chapéu, etc) **António!**

— Aut. — 2

Ah! minha rica senhora!

— Joa. —

Cala-te!

Instituto Politécnico de Lisboa

— Aut. —

Não imagina a alegria que sinto
ao vel-a, depois de oito dias de
ausência!

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Joa. —

Meu marido?

— Aut. —

Saiu.

— Joa. — Aut. Joa.

Ainda bem! Quero dizer: sinto
muito. Também não. Pouco me
importa que esteja ou não este-
ja!

— Aut. —

Tens visital-o?

— Joa. —

Não sei.

— Ant. —

Como?!

— Joa. —

Tenho desejos de o tornar a ver e, ao mesmo tempo, não queria encontrar-me com elle. Estava ansiosa por abandonar esta casa e agora não me sinto bem na de meus pais. Desengana-te, Antonia: um marido, é uma coisa que faz muita falta!

— Ant. —

A quem a senhora o diz! Eu, se o não tenho, não é por culpa minha.

— Joa. —

E como está o meu pobre Eugenio?

— Ant. —

Está muito mudado. Agora ranga-se muito menos e, comigo, sobretudo, está cada vez mais amavel. Até chega a abraçar-me!

— Joa. —

Como! Isto consentes?!

— Aut. —

Como a senhora me disse que não o contrariasse em coisa alguma...

— Jsa. —

Sim; mas não até esse ponto.
Lembra-se de mim?

— Aut. —

Muito.

— Jsa. —

Ainda bem! Convém que sinta a minha falta.

— Aut. —

Pois sente, sente. Hontém disse-me:
"Ai, Antonia! que falta me faz
a tua amá." le deu-me um
abraço.

— Jsa. —

Um abraço, hein?! Não me con-
vém que sinta tanto a minha
falta. Dizes, então, que está
muito mudado?

— Aut. —

Sim, minha senhora. Nunca se
enfada e diz tudo com uma
amabilidade...

— lug. —
(dentre F.E.) Canallas! Infames!

— Joa. —

Bem vejo que diz tudo com mu-
ta amabilidade. — x — ane. —
x Elle! ...
— Joa. —

Não quero que me veja! (sae F.B.)

SCENA IV

Antónia, Eugénio, Joaquina

— Eug. — I

(do F.E. esbaforido, de ch冒me e chapéu agitados, de esboços)

Parece-lhe isto bonito?

— Ant. — I

O quê, senhor?

Escola Superior de Eug. e Cinema

Não me assediearam porque
komei uma carruagem. Por cer-
to que ia de tão mau humor
que, quando o cocheiro me per-
guntou para onde queria ir,
respondi-lhe: "A você que lhe
importa?" x 2 set. da b

— Ant. —

(vindo) Ah! Ah! Ah! Se onde o levou
elle?

— lug. —

Depois, para disfarçar, disse-lhe:
"Leva-me a casa de meu tio."
"Vê lá tu que disparate! Pois não
foi o último." Onde mora o seu
tio? — perguntou humildemente
o cochicho. — "Rua das Gaveas, 87,
2º, esquerdo." Chego a casa de
meu tio, pessoa respeitabilissí-
ma, e cuja esposa ^{não} ~~não~~ tinha ain-
da o gosto de conhecêr.

— Aut. —

E' bôa!

— lug. —

Meu tio vem receber-me, fica pas-
mado, conduz-me á sala, onde
estavam algumas visitas, e apre-
senta-me, dizendo: "Tenho o gos-
to de lhes apresentar meu so-
brinho Eugenio, que é tão in-
timo da casa, que até veio de
chambré." Então, noto a minha
estranha "toilette", abraça-o-me,
quero sair, beijo a mão das se-
nhoras, abraço os cavaleiros,
fiz o um cãosinho que estava

deitado, empurro uma criança, que deita o candiário ao chão, e saio, trazendo, por engano, um bonet de oficial, que troquei na sala de entrada por este chapéu, a' falta de melhor. (morto o chapéu, p. a. l. e descalce e cair num cadeira) Ai, rassaria! desde que tua ama saiu d'esta casa, não faço nada com gosto. Felizmente tu és boa e ... (dev. e abraça-a) Pobre Antonia!

Instituto Politécnico de Lisboa

— Aut.

Entas, senhor ... (—)

— lug. — 2

Que é?

Escola Superior de Teatro e Cinema

Repare que me está abraçando.

— lug. —

a2

Tens razão. Julguei que eras a minha mulher.

— Aut.

Não estás naí distração!

— Ia.

(da E.B. a1) Não posso conter-me! (a.2)

— lug. —

a3

Minha querida Joanna! (transigiu)

Quero dizer: Minha senhora, V. Ex.^o
aqui?! (automá sobre ao F.)

— Joa. —

(fiamente) Não julgue que vim vel-o.

— Eng. —

Para que vieste ent-o?

— Joa. —

Buscar alguns objectos de que
precisava.

— Eng. —

Pode procurar os à sua vontâ-
de. (cent. a ler um jornal, voltando-lhe as costas)

— Aut. —

(ao F. observando-o ap.) Se elles fizessem as
paixes... (sac F.E.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

SCENA V

Eugenio, Joana, depois Justino

— Joa. —

(across. timidamente e com amarada) E' assim que
me tratás, depois de oito dias
de ausencia?

— Eng. —

(voltando a cabeça) E ainda aqui me
aparece depois do que suc-
cedeu?!

— Jan. —

Referes-te ao que ouviste ao estupido do advogado? Bem sabes que recebeu a graga, porque os criados t' o contaram.

— lug. —

(luz.) Sim, desse-lhe uma bofetada.

— Joa. —

Uma grande bofetada.

— lug. —

(aprox.) Na verdade, não tenho pernas bastante para durei dar de ti. (sangado) Se as tivesse... (meigamente e um tanto ironico) Mas tu és tão boa... és um anjo... (marrisado) O anjo do mau genio! (natural) E eu amo-te muito, muito... A verdade é que poderíamos ser muito felizes se não fosse o teu genio. (sugando na mão)

— Joa. —

(um tanto agastada) Não digas isso. Sempre que nos sangramos é por tua culpa.

— lug. —

(cavando-se) Bem... seja o que tu quizeres.

— Joa. —

Ei, mau genio?! Eu, que tenho
calado um ressentimento que
conservo contra ti...

— lug. —

Pois fazes muito mal, queridi-
nha! Uma boa esposa não
deve occultar nada a seu
marido. Fala. (beija-lhe a mão)

— Just. — 3

(do F. D. e para espantado. Com despeito) Ah!... Bom
proveito!

— lug. 3 atenta ansioso.

O doutor aqui?! (Janna, envergonhada, tó-
ma a ex. E., disfarçando a ajustar a pulseira)

— Escala Superior de Teatro e Cinema.

— Just. —

(vai) Tenho estado à sua espera e,
entretanto, corrigi uma minuta.
Mas... não se incomodem... eu
não tenho pressa e vou continu-
ar a escrever, logo que me diga
o anno em que nasceu.

— lug. —

(vai, seguindo-lhe num brago) Silencio! Não
quero que ello saiba...

— Just. —

Não quer que ella saiba em que
ano o senhor nasceu?!

— lug. —

Não é isso. Não quero que ella sai-
ba que se trata de requerer o di-
vorcio.

— Just. —

Ah! está bem.

— lug. —

Nasci em ~~1890~~. (deve)

— Just. —

Bem. Continuem. (ap) Estão muito
amarelos... Parece-me que se ar-
chiva o processo. (ap F.D.)

— lug. —
Ene faz aqui este homem?

— lug. —
Está tornando uns apontamen-
tos para a compra de
uma propriedade. Mas... não
passa... não passa... não passa... não passa...
diz-me. diz-me a causa do
seu ressentimento.

— lug. —

E que um dia tormei a liber-

dade de revistar a tua carteira,
mas não julgues que foi por curi-
osidade.

— Eug. —
Então para que foi?

— Joa. —
Para ver o que lá havia.

— Eug. —
Ah! isso sim!

— Joa. —
E encontrei uma carta assigma-
da por uma tal Antonia, que
lhe chamava "Ugenio."

— Eug. —
Ora, mulher! B' d'aquella, cujas
cartas queimaste tres dias de-
pois do nosso casamento, e por
signal que riste muito das toli-
ces e erros que n'ellas havia.
Seu duvida escapou essa. Não
lhe recordas?

— Joa. —
Se n'aquelle dia queimei nove-
centas e noventa e sete cartas,
como queres que me recorde?...
Afianças que isso é verdade?

Não me enganas?

— Eng. —
Enganar-te, eu, que te estimo mais
do que a própria vida?! (anazan)

— Just. — 3
(as F.D.) Eueira dizer-me... (fina ap.) Bem
digo eu... estou perdendo o meu
tempo!

— Eng. — 2
(sangue) Doutor: Tenha a bondade
de não se incomodar, porque
já não é preciso nada d'isso.

— Just. —
E o meu trabalho?

— Eng. —
Pagar-lhe hei os seus honora-
rios.

— Just. —
Isto é o menos. O pior é a minha
fama. Sinto bastante que uma
ação, em que emprestava todo
o meu saber, não prosiga. (sangue)
— Enfim, guardarei os meus
escriptos, que são uma obra
prima, como há de ter occasi-
ão de ver algum dia! (as F.D.)

— Joa. —
Tu enganas-me.

— Eng. —
Porquê?

— Joa. —

Tens outros negócios com o dr.
Justino!

— Eng. 1
É verdade; não devo enganar-te.
Agora que tudo acabou, vou com-
fessar-te que se tratava do di-
vócio.

— Joa. —
(furioso) Tu querias divorciar-te?! Is-
so é uma infamia! 2.

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Eng. —
Porem, filha, já não penso em
Kab.

— Joa. —

Não importa! Expon sua
mulher ao ridículo perante
a sociedade!

— Eng. —
Tu ias fazer o mesmo.

— Joa. —

Faz muita diferença. Uma mu-

lher serde sempre muito.

— lug. —

É um homem?

— Joa. —

Um homem não tem que perder!

— lug. —

(sangando-se) Minha senhora!

— Joa. —

(item) Cavalleiro!

— lug. —

Soltamos a mesma?

— Joa. —

E' culpa sua!

— lug. —

Não senhora, é sua!

Escola Superior de Teatro e Cinema

(limpando os olhos) Bem me dizia a
mamã!... (sent. sofa')

— lug. —

(imitando-a) Bem me dizia o jaysá!

(sent.) mesa dia.

— Just. —

(à porta) Pode-se entrar?

— lug. —

Entre, entre. Escusa de pedir
licença.

— Just. — des. 2

(dizendo, com os papeis) Como há poucos estavam tão amarelos...

— Eng. — 3

Não se retire.

— Just. —

Como assim?!

— Eng. —

A ação há de prosseguir.

— Just. —

(largando os papeis na mesa) Ora ainda bem!

— Eng. —

Está provado que não podemos viver juntos.

— Just. —

Surpreendente!... (note) Cinema

— Joa. —

O senhor é um infame! leu

— Just. —

(muito contente, na 2^a linha, apagando) Isso! Isso!

— Eng. —

A senhora é uma víbora! leu.

— Joa. —

O senhor insulta-me?

— Just. —

Bravo! Bravo!

— lug. —
A senhora é que...

— Just. —
(descendo) Diz muito bem!

— lug. —
(empurrando-o) Vá para o inferno!

— Just. —
Minha senhora...

— Ioa. —
(empurrando-o) Deixe-me, senhor!

— Just. —
(ap. subindo) Que maneira de agradecer os meus serviços!

— Ioa. —
Volto para casa da minha!
lade Escola Superior de Teatro e Cinema

E' onde poderei estar bem, ao pé da minha sogra. Devem dizer-se perfeitamente.

— Ioa. — ~~par~~
Não insulte minha mãe! Bem me dizia ella que não casasse com semelhante... (Justino dice)

— lug. —
(Justino) Com semelhante que? (pega
m'uma cadeira e bate com ella no chão, pisando Justino)

Com a breca!

— Just.

(levantando o pé) Ali!...

— lug.

Venha comigo! (saé F.D.)

— Just.

Da melhor vontade. Nada de perder um momento! (saé F.D. correndo)

SCENA VI

Joanna e Ricardo

— Joa.

Isto é impossível! É preciso tomar uma resolução. Quem é o culpado?

Escola Superior de Teatro e Cinema

(do F.F. ad, dando o chapéu ao F.) Um criado de V. Ex^a.

— Joa.

Que vem aqui fazer?

— Ric.

Venho para que o marido de V. Ex^a me dê uma satisfação, por me expulsar d'esta casa de um modo tão pouco conveniente.

— Joa. —
Como foi?

— Rie. —
Dando-me um soco no... momento em que ele voltava as costas para me retirar.

— Joa. —
Não sabia.

— Rie. —
Este soco não pode ficar por aqui.

— Joa. —
Porquê? Quer mudar-o para outro sítio?

— Rie. —
O que eu quero é que seu marido escolha as armas.

— Joa. —
Um duello?! X!

— Rie. —
Exactamente. (Toma a E.) disse:

— Joa. —
(ap.) Um duello por minha causa!
Se eu fizesse desistir este idiota... (ele, perturbado) Diga-me, senhor idiota.

— Rie. —

Como?

— Ioa. —

Perdão! Gueira ouvir-me.

— Rie. —

Que ordena V. Ex^a?

— Ioa. —

O senhor é capaz de fazer-me
um favor?

— Rie. —

Dois... três... os que V. Ex^a quizer.

— Ioa. —

Pois volte para sua casa e não
torne a pensar em meu marido
nem em duello.

— Escola Superior de Teatro e Cinema —
E a minha honra?

— Ioa. —

Considere que pode matá-lo.

— Rie. —

Assim o espero. Atiro perfeitamen-
te! (p.a2)

— Ioa. —

Acredito-o, e por isso mesmo...

— Rie. —

Jogo as armas desde os seis anos!

— Joa. —

(ap.) Vae matal-o! cíeu sobre mari-
do! (alto) Retire-se, senhor; peço-lhe
de joelhos.

— Ribe. —

Não posso resistir a tal pedido.
(Eugenio fala dentro)

— Joa. —

Ei-lo. Se aqui o encontra e' ine-
vitável o duello.

— Ribe. —

Nesse caso, retiro-me. (sobe para o 5.)

— Joa. —

Por ahi, não, que vae encontrar-
se com elle. Entre aqui um ins-
tante. (indica E.B.)

— Ribe. —

Mas...

— Joa. —

Entre. (Ricardo vai. Fecha a porta e fecha a 5.)

SCENA VII

Joanna, Eugenio e Justino

— Eug. —

(ao F.D. a 3) Ainda aqui estás? (sent. a
meira e encena)

— Joa. —
Ja' me retiro. (ap.) E hei de descal-
o com este phacisem? (baixo a Justino)
Senha a bondade de ir-me fa-
lare a' saleta, disfarçadamente.

— Just. — a 2
(baixo) A' saleta?

— Joa.
Sim. Ali está um homen. (p. n. 2)

— Just.
(ap.) Demônio!

Instituto Politécnico de Lisboa

— Joa.
(alto, disfarçando e fazendo sinalas a Justino) Eugenio... X2
Tu, deserto...

— Eug.
Deixa-me em paz! (acene)

— Joa.
(baixo a Justino) Diga-lhe que se retire.
(alto, a Eugenio) Ainda estás enfadado
comigo? (ap. a Justino) Mas que
não seja por aqui. X

— Just.
(baixo) Então por onde?

— Joa.
Esse quarto só tem a porta e
uma janelha

Então? — Just. —

Que saia seela janella. — Ioa. —

Demonio! Talvez não queira. — Just. —

Atire-o o senhor. — Ioa. —

Mas... minha senhora... — Ioa. —

Tem razão, não pode ser! — Just. —

Decerto que não. — Just. —

Então, afaste d'aqui meu marido. — Ioa. —

Eu?! — Just. —

Que segredos são esses? — lug. —

Quer, porventura, prohibir-me de falar? — Ioa. —

Sua senhora! — lug. —

— Joa. —

Pois hei de falar ainda que
não queria. (a Jutina, baixos) Afaste-o
d'aqui. (cabe) ♫

— Just. —

Amigo Eugenio... (p.n2)

— Eug. —

Que temos?

— Just. —

E' preciso que saia d'aqui.

— Eug. —

Porquê?

— Just. —

Porque... porque estão dissostos
a xangarem-se de novo e e' pre-
ciso que um dos dois tenha
juizo. (toma a E. baixa e lhe fala a Joa)

— Joa. — 2

(desce com o chapéu de Ricardo e põe-o na cabeça de Eugenio)

Sim, retira-te. (ap.) Ai, que me
enganei!

— Eug. —

(ap.) Este chapéu não é o meu! De
quem é este chapéu?

— Joa. —

E' d'este senhor.

— Just. —

Nada! meu não é'. (vem as mesas)

— Joa. —

(baixo) Diga que é'.

— Just. —

Quero dizer... é' meu, é'. (baixo a Joaquina)

Mas, o meu é' aquelle. (indica o que está no sofá)

— Joa. —

(baixo) Diga que também é' seu.

— Just. —

Eu não costumo andar com dois chapéus. E se elle vê o outro?

— Joa. — x 1

Não o verá. (vai senti sobre o chapéu. Durante os apartes, Eugenio, depois de examinar o chapéu, detidamente, vai colocar-o na mesa do T., onde estava)

— Just. —

(ap., prendo as mãos na cabeça) Jesus! o meu chapéu novo! x 3 di. b

— Joa. — 1

(meigamente) Ouwe, Eugenio...

— lug. — 2

Que queres?

— Joa. —

Vou sentar-te junto de mim.

— lug. —
Para quê? (sent.)

O Eu és bom... — Ioa. —

Já o sabia. — lug. —

Eu, também não sou má, e amo-
lhe muito. — Ioa. —

Amar de gata. — lug. —

Instituto Politécnico de Lisboa

— Ioa. —

As nossas passadas contendas
é preciso que não passem d'a-
qui. Com a vida que levamos
Kernos chamado a atenção de
toda a vizinhança. (acommoda-se no
sofá)

— Just. —

(aparte) Sobre chayser! (alto) Minha se-
nhora: não há motivo para
estar tão inquieto.

— Ioa. —

Já toda a gente nos chama o
cão e o gato. (vai dando golpe no corpo até que
o chayser vai no chão e empurra-o com o pé para debaixo do
sofá)

— Just. —

E está muito bem por lá a alguém!

— Eng. —

Pois dizem isso?!

— Just. —

(ap.) Esta mulher não pode estar quieta?! (pega numha cadeira)

— Joa. —

Já vés que não devemos consentí-lo.

Instituto Politécnico de Lisboa

— Just. —

Ex^a. deve estar muito incomodada... quer uma cadeira?

— Joa. —

Não, obrigada. (Justino anima a cad. falso)

— Eng. —

E como havemos de evitá-lo?

— Just. —

Em primeiro lugar é conveniente levantarem-se.

— Joa. —

Fazermos as paixões e desistirmos de toda a ideia de rompimento.

— Just. —

Isso não me parece rasoavel.

— Ioa. —

Sim, porque tu não me queres mal, não é verdade?

— Eug. —

Pelo contrario. Estimo-te muito.

— Just. —

(ap.) Adeus, adeus!

— Ioa. —

E eu amo-te cada vez mais.

— Just. —

(ap.) Mau, mau!

— Eug. —

E eu adoro-te. (albam-me, amarosamente)

— Just. —

(ap.) Deus queira que a scena não aqueça, pois eu não hei de ir para a rua sem chassen.

— Eug. —

O que convém, pois, fazer?

— Ioa. —

Sabírmos todas as tardes juntos, de carruagem, para que vejam que o "cão e o gato" são dois mausissimos cordeiros.

— lug. —
Agrada-me o teu projecto.

— Jsa. —
E vamos começar hoje mesmo. A porta ainda deve estar a carregagem da manhã.

— lug. —
Antes, porém, juremos nunca mais termos questões.

Juro!

Instituto Politécnico de Lisboa
— lug. —
E eu também! (eu e vai ao F.E.) Antonia:
o meu chapéu. (descendo) Doutor: ha
de permitir... (veste a sobrecasa)

Pois não.

— lug. —
Tenha a bondade de queimar
esses papéis e de não tornar a
falar-me n'elles. (vai a secretaria)

— Aut. —
(do F.E. com o chapéu) Aqui está! (lugens mette a
carteira no bolso) lugs vai ao F.E. levar o chapéu

— Jsa. —
Queimámos, não, que ainda

podem ser precisos.

— Ioa. — lev. p. 2

(baixo a Justino) Faça sair esse homem e diga-lhe que não torne a voltar.

— Just. —

(baixo) Sim, minha senhora.

— Iz. — dese. 2

(tornando o lenço de Joana) Vamos?

— Ioa. — 1

Vamos, meu maridinho. (saem F.E.)

SCENA VIII

Justino, Antônia, depois Ricardo

— Just. — p. à eq. 1

Gracas a Deus que partiram!

(procura o chapéu)

— Aut. — 2

Que quer isto dizer?

— Just. —

Que está tudo perdido.

— Aut. —

O que! que está tudo perdido?!

— Just. —

(junto ao sofá) Em primeiro lugar, o meu chapéu, que não sei onde para; depois, o meu trabalho,

porque os teus amos fizeram as
pazes. (ajedrez e pacana)

— Aut. —

Gracas a Deus!

— Just. —

Ruy

Não, graças ao demônio! (vendo o chapéu)
Aqui está, e em que estado! elas
agora me lembram que há ali
um homem escondido. (eu.)

— Aut. —

Heim?!

Instituto Politécnico de Lisboa

— Just. — *pst*

Que bella prova para o processo
se intentar outra vez. Tu, és testemunha de que n'aquelle quarto
esta um homem escondido. Olha
para lá.

— Aut. — 1

Um homem?! (vai abrir a E.B.) Mas... é o
sr. Ricardo. (recua)

— Just. —

Que dizes! o meu discípulo?!

— Rec. — 1

(a porta) Posso sair?

— Just. — 3

Podes.

(p. 19) a loja — Ric. — Aut. 1
(a.F.B. a 2) Onde está o meu chapeu?

— Just. — a 3

Que significa isto, meu querido discípulo? Sempre era verdade o que eu te dizia?

— Ric. —

O quê? (automação a F.)

— Just. —

Era ella te amava?

— Ric. —

Qual amava nem qual demônio! (p. a 3)

— Just. — a 2

Basta! Não quero saber nada.

(a 2) Não convém que elle negue diante da criada.

— Ric. —

O senhor é que me metteu n'está embrulhada e isto não pode continuar assim. Vim para que me dessem uma satisfação e o senhor é que m'a ha de dar! (30. a 1)

— Just. —

Ei? Era o que faltava!

— Ric. —

Eresolha o sitio e a hora.

— Just. —

Pois seja! Hora... sis duas da tarde; sitio... a avenida da Liberdade. (António ni a' sucapa)

— Ric. —

Enviar-lhe-lei os meus padrinhos esta tarde. (ao F. E.)

— Just. —

(ap.) Não faço menção de estar em casa!... (toma a' E.)

SCENA IX

Justino, Antónia, depois Joana e Eugénio

Escola Superior Ant. ato e Cinema

(descendo) Que significa isto?

— Just. — Tinha reunião partidária no 1º piano

Deixa-me, que estou furioso! O divorcio... o marido... a mulher... o chapeu... o marido que discute com o chapeu... o chapeu que amarrotou o marido... Nem eu sei o que digo! E por último, o duello. Que vai ser de mim e dos meus filhos! (sent.)

— Aut. —

O senhor tem filhos?!

— Just. —

Não, mas posso vir a tél. os!

— Aut. —

Als!...

— Just. —

Emfin, encaremos as coisas a sangue frio. Já estou tranquilo... vou-me embora.^{lo} A tua ama fez as pazes com o marido e juraram não tornar a sangrar-se em toda a vida. Retiro-me, porque não faço ci falta.^{lo}

(vai à mesa para pegar nos papeis. Eugénio e Joaquina ent. F.E. precipitadamente, deixando-se cair nas cadeiras das extremidades da cena)

— Eng. —

Prev

(alíando com o chapéu) Isto é insuportável! (cad. ex. D.)

— Joa. —

(rascando o lenço) Isto não pode continuar! (cad. ex. E.)

— Aut. —

Meu senhor... minha senhora...

— Just. — do meu
(ap. observando-os) Nada! Já não me
retiro! O barômetro marca
temporal e eu caí estou para
servir de pára-raios!

*executo
pau rapido*



Instituto Politécnico de Lisboa

ESTC
Fim do 2º acto
Escola Superior de Teatro e Cinema

cupa de castic, grande, com uma tampa
de crema e recamada, 1 capa
de crema

Vasco Lourenço

1000 reais



ACADEMIA INSTRUTIVA DA PESSOA
CAMINHOS DE
FERRO DO LESTE E NORTE DOS
SÉDE
ANTIGO TEATRO TABORDA
COSTA DO CASTELO 75
LISBOA

ACTO III.

A mesma decoração dos anteriores

SCENA I

Joanna e Antónia

— Aut. —

(Joanna a secretária; a Joanna que aut. E.B.) Minha senhora: sempre é certo que vai partir?

Instituto Politécnico de Lisboa

— Joa. —

Vou, sim. (aut.)

— Aut. —

E deixa-me aqui?

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Joa. —

Não te afflijas. Is a unica pessoa que me estima n'esta casa.

— Aut. —

Não diga isso, minha senhora.

O patrão estima-a muito.

— Joa. —

A mim? Como o cão ao gato...
é assim que nos chamam. Já vês que isto é intolerável. Desisto do divórcio, por ser mu-

meio escandaloso.

— Aut. —

Então, vai para casa da sua mãe,
porque, assim, poderei vel-a de
quando em quando.

— Joa. —

Também é escandaloso. Ser o
marido em Lisboa e não viver-
mos na mesma casa, tornava-
se notado. O meu projecto é
mais razoável. Minha mãe vai
para a sua quinta de Albandra
e eu vou passar ali uma tem-
porada, que poderei prolongar
todo o tempo que julgar conve-
niente.

— Aut. —

E o patrão consente?

— Joa. —

Que remedio! Ontem fui a ca-
sa do medico e disse-lhe: "Do-
tor, estou muito mal." - "De
que se queixa? Que tem?" - "Te-
nho... marido." - "É uma enfer-
midade que muitas senhoras
desejam." - "Antes do casamento...

Talvez." - "Mas que quer que eu lhe
receite para essa doença?" - "Um
derivativo. Receite uma viagem...
mudança de ares... faça acreditar
a meu marido que estou muito
doente e que preciso ares de cam-
pos, exercício e muitos passeios."
O médico accedeu aos meus dese-
jos e Eugénio julga que estou, re-
almente, doente e que devo partir.

— Aut. —

Pois se a senhora parte, não
fico dois dias n'esta casa. (com-
parto dentro F.E.) Quem será? (de F.E.)

— Ioa. — Ieu.

Fátima
Sim, é o melhor que há a fa-
zer. O cão e o gato... Qualquer
dos passéis me não agrada,
mas o caso é que bem os me-
recemos.

— Aut. — 1

(de F.E. com uma grande caixa de passelão) Trouxe-
ram esta encomenda. (coloca
a caixa sobre a mesa)

— Ioa. — 2

(Ieu.) Deixa ver. É o encomendado
já sei. É um presente que levo

~~Coisa linda~~ questão para Albandra,
~~doe~~, para ~~outro~~ dar minha pri-
meira. ~~Homenca é bonito.~~

— Aut. —

~~Coisa linda~~ Coisa bonita, hein?

— Joa. —

~~Assim... assim...~~

— Aut. —

~~Não, deve ser.~~

— Joa. —

Bem vés que é um presente! Não
pode deixar de ser uma coisa boa
~~e bonito~~: Leva para o meu quarto;
e toma sentido o meu marido
não veja. Pode não gostar que
eu gaste o dinheiro em presen-
tes para a minha família. Vou
preparar tudo para a viagem.

(ao E.H.)

SCENA II

Anônia e Eugenio

— Aut. —

Onde vou eu encontrar uma
ama tão boa, que me dê uma
libra por cada bofetão? (~~fuz~~)

—)

— lug. —

(da D.A. sem ver Antonia) Minha mulher! Tiver
seu ella! deixar Lisboa!... (vendo Antonia)
Eue fazes aquui?

— Ant. —

(encobrindo a cama com o corpo) Nada... ia...

— lug. —

(permaneço) Tae-té! Taeu est der

— Ant. —

E' que... (sem se mexer do sitio)

— lug. —

Tae-té, ja' te disse!

— Ant. —

Ja' vou, senhor. (ap.) Nada! que
este não paga os bofetões. (nao D.A.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

SCENA III

Eugenio, depois Joanna

— lug. —

Partir! Deixar-me vivo!... le o
que é' peor, é' partir por falta
de saúde. Não resistirei a tal
separação!... Se não estivesse
doente, enfim, ella voltaria,
mais tarde ou mais cedo...
será grave a doença? O me-

*autora
autora
autora*

dico apenas me disse: "Sua es-
posa está doente e necessita
sair de Lisboa, passear muito."

"Que tem ella? - lhe perguntei." Ecolheu os hombros. "É de gra-
vidade?" - "Hum... o melhor é per-
guntar-lhe a elle." Na verdade,
o que me parece é que o medico
também não sabe o que ella
tem. Estou tão inquieto!... Não
descanso enquanto não souber...

— Joa. — Ida.

(da E.H. a I) Ah! estás aqui?

— Eug. —

Anda cá, minha filha. Recebi
uma carta do medico em que
me diz que estás doente.

— Joa. —

Sim... hontem estive em casa
d'elle. (cent. no sofá)

— Eug. —

Então que tens? (cent. no sofá) ladr. informada e q.
entrou - a m. no sofá

— Joa. —

Não sei. (iç.) Que terei eu?

— Eug. —

Não sabes?! O caso é que o me-

dico também o não sabe.

— Ira. —

Falaste-lhe?

— Eng. —

Falei.

— Ira. —

Que te disse elle?

— Eng. —

Encolheu os hombros e fez "Hum", o que, para mim, foi o mesmo que não dizer nada. Ora vamos, digo: Doe-té alguma coisa?

— Ira. —

Doe e não doe.

— Eng. —

Dize, primeiro, o que tó doe e depois dirás o que tó não doe.

— Ira. —

(Eng.) O que hei de dizer que me doe?

(Ira) Um as vezes doe-me aqui... outras vezes ali...

— Eng. —

E que mais?

— Ira. —

As vezes tenho vontade de chorar...

— lug. —
(tomando-lhe as mãos) Pobre Joana!
— Joa. —

Outras vezes tenho desejos de morrer...

— lug. —
(ap., afastando-se um pouco) Pobre Eugenio!
— Joa. —

Zango-me... tenho tonturas... parece que a casa anda aí roda... que os trastes andam em bandas... e tu também...

— lug. —
(lev. e toma senna) Obrigado pela amabilidade. (Joana lev.) Continua. Deixa ver a lingua. (Joana mostra-a) E o pulso.
(toma-lhe o)

— Joa. —
Que te parece?

— lug. —
Nada. Bem sabes que não percebo de medicina.

— Joa. —
(ap.) Estimo muito! (alto) Pois eu sei o que tens.
Então que é?

— lug. —

— Joa. —

A doença que eu tenho quero que seja um segredo para ti.

— lug. —

Que martyrio!

— Joa. —

O que é preciso é que me proponhas o meio de me tratar.

— lug. —

Tudo o que quizeres.

— Joa. —

Deixa-me ir para Alhandra.

— lug. —

Até para mais longe. Vae para onde quizeres.

Escola Superior de Joalho e Cinema

De lá te mandarei dizer a causa do meu mal.

— lug. —

Contanto que te cures. A saúde primeiro do que tudo. (abreza-a)

— Joa. —

(esquivando-se) Deixa-me, que tenho muito que fazer. (and. A.)

SCENA IV

Eugenio, depois Justino

— lug. —

O medico teve uma boa ideia!
Separados, não teremos questões
nem daremos escândalo. (vendo a causa)
Já está fazendo os preparativos
de viagem. (obre a causa) Que é isto?! ~~Só~~
Uma touca?! (morte...a) Para quem
será esta touca? Certamente
não é para minha mulher. Uma
casa de criança!... Que quer isto
dizer?!... Oh! que ideia! A doença
de Joanna... aquelle "Hum" do
medico... as conturas... o medico
que lhe aconselha exercicio e
passeio... já sei o segredo da sua
doença! (alegre) Vou ser pai ou
mãe! quero dizer: vou ter um
filho ou uma filha. Sinto-me
morrer de felicidade!... le eu que
me rangava com ella; uma
mulher tão boa, que vai dar
me um herdeiro!... Como lhe
ha de ficar bem a touquinha
e a casa!... Ha de ser muito

bonito! Naturalmente, sendo meu filho... Não consentirei que ella parta. Os filhos devem nascer onde habitam os seus pais... sobretudo, onde habitam as suas mães. A minha vontade era que todo o mundo soubesse da minha felicidade!... (acaba à D.)

— Just. — 1

(so F.E.a 1) Olhito bom dia.

— lug. — 2

(correndo a abraçal-o) Amigo e sr. Justino, permita-me que o abrace. (abraçao)

— Just. —

Permito que me abrace, mas não que me afogue. Que tem?!

— lug. —

Sou completamente feliz!

— Just. —

Porquê? (coloca o chapéu no sofá)

— lug. —

(mostriando a túnica) Por isto!

— Just. —

Por isso? Consiste em pouco a sua felicidade!

— Ing. —

Sou feliz pelo que está tocada indica. Não lhe parece que haja de ser muito bonito?

— Just. —

Quem?

— Ing. —

A criança.

— Just. —

Qual criança?

— Ing. —

O meu filho, homem; o meu filho!

— Just. —

O senhor tem um filho?!

— Ing. —

Ainda não, mas vou tê-lo em breve.

— Just. —

(apertando-lhe a mão) Muitos parabéns!

— Ing. —

Estão tão comovidos!... A comunicação que sentem os pais. O senhor nunca foi paiz?

— Just. —

Nunca, graças a Deus! (p. 2)

— lug. —
Então não pode avaliar.

— Just. —
E o divórcio?

— lug. —
Quem pensa agora n'isso?

— Just. —
Homem, parece-me brincadeira de crianças: "Quero o divórcio... Não quero o divórcio..." Isto é de mais! Portar-se para comigo por esse modo, quando por sua causa estive em risco de morrer.

— lug. —
Como?!

Escola Superior de Just. — Cinema
Eu tinha aconselhado as meu discípulo, o dr. Ricardo, a que fixasse a corte a sua mulher.

— lug. —
(sangado) O senhor?!

— Just. —
Unicamente por conveniencia sua.

— lug. —
Por conveniencia minha?! Isso

não é má!

Ricardo, vendo que ella, infelizmente, o repelia... — Just.

Infelizmente?! — lug.

... desafiou-me. — Just.

E que fez o senhor? — lug.

Arranjei-lhe um emprego em Lourenço Marques, para não me arriscar a morrer ás suas mãos. — Just.

Pois foi tudo inútil. Nada de divórcio.

Mas a acção já foi intentada. — Just.

O senhor apresentará a renúncia imediatamente. — lug.

Nunca farei tal! — Just.

(comicamente) — lug. —
Tenha dó de um pobre
pae de familia!

— just. —
Parece uma criancá!

— lug. —
Como se ha de chamar? Que lhe
parece? Quero um nome bonito
e sonoro.

— just. —
Gantaleão.

Isto — lug. —
é muito feio!
— just. —
Mas é sonoro.

Escola Superior de — lug. — Cinema
Um nome que dê a conhecer as
inclinações naturaes da cri-
ançá.

— just. —
Então... Jeremias.

— lug. —
É muito triste.

— just. —
Pois é por isso mesmo.

— lug. —

Enfim, deixaremos isso para depois. Será uma loucura, mas não se admire. Um pai tem tanto em que pensar... A educação, a carreira... Que lhe parece, há de ser padre ou militar? A que se há de dedicar?

— Just. —

Primeiro que tudo, a mama.

— lug. —

Tem razão. Não se esqueça de renunciar a' ação. Entre no meu escritório e faça a minha. (Toma a D.)

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Just. —

(ap. subindo) Ora a minha vida! Faça, não faça... (sai F. D.)

SCENA V

Eugenio e Joana

— lug. —

Ore bono que é um homem seteal! (a Joana, que ent. E. A. a 1; muito alegre) Minha querida Joana!

— Joa. —
Que tens, que estás tão contente?

— lug. —
Já não vais para Alhambra.

— Joa. —
Porquê?

— lug. —
Porque não quero que te separe
de mim.

— Joa. —
É impossível! Decidi partir,
partirei!

— lug. —
E eu não quero que partas!

— Joa. —
(simulando um ataque) Ai! Ai! Ai!

— lug. —
Que tens?

— Joa. —
As Konturas... os trastes em
bolardas... Vais ser a causa
de uma grande desgraça!

— lug. —
Socega, meu amor; satisfarei
esse desejo. Podes ir para
Alhambra.

(eu.) Als!

— Joa. —

Estás melhor?

— lug. —

Já passou.

— Joa. — x 2

— lug. —

Ainda bem. (ap.) Ella, afinal, tem
razões em querer estar junto
da mãe. (eu) Vais para Alhan-
dra, mas eu acompanho-te.

Tu??

— Joa. —

— lug. —

Sim.

Escola Superior de Teatro e Cinema

— Joa. —

Ai! Ai! Ai! (sent.)

(cadaria de canto 2)

O que é isso??

— lug. —

Vais deitar tudo a perder!

— Joa. —

Porquê? Não é natural que
um marido queira acom-
panhar sua mulher?!

— lug. —

— Joa. —
É melhor nãoires. Faze-me essa
vontade.

— lug. —
Esse capricho!... Infim, irás só,
mas não podes fazer ideia
de quanto sinto não poder
assistir...

(eu.) A quê?! — Joa. —

A... a isso. —

— lug. —
Isso, quê?! — Joa. —

— lug. —
Como tu não querias dizer-
m's, eu...

— Joa. —
Não sei a que te referes.

— lug. —
Ao nascimento.

— Joa. —
Ah! descobriste?!

— lug. —
Sim.

— Joa. —
(ap.) Que descobriria elle?

— lug. —
Dize: não te parece que ha de ser muito bonito?

— Joa. —
Muito bonito?! Provavelmente, é feio como o paes.

— lug. —
Parece-me que o paes não é tão feio como tu dizes!

— Joa. —
Eu acho-o horrendo. p. 1

— lug. — *
(ap.) Minha mulher faz-me toda a justiça, não ha dúvida. (alt.) Quando partires?

— Joa. —
Amanhã.

— lug. —
Então, vou comprar certas coisas para levares ao "futuro recém nascido". Até já. (ap.) Sudo-me vai parecer pouco para o meu filho. (abusa Joana e sae F.E.)

SCENA VI

Joanna e Justino

— Joa. —

Que rareidade! Meu marido tão carinhoso... Que quer isto dizer?

— Just. —

(do F.D. a 2. ap.) Ah! não está aqui. (alto) Minha senhora: dou-lhe os meus sinceros parabéns, por estar restabelecida a paz conjugal.

Instituto Politécnico de Lisboa

— Joa. —

Não sei a que se refere.

— Just. —

A criança.

Escola Superior de Teatro e Cinema

Qual criança!

— Just. —

As Jeremias.

— Joa. —

Jeremias?!

— Just. —

As Pantaleão simão; não ficou ainda bem assente.

— Joa. —

Por quem é, explique-se! A

que se refere?

— Just.

As filhos de V. Esc?

— Joa.

As meu filhos?!

— Just.

Justamente.

— Joa.

O senhor não está em seu juizo.

— Just.

Se é regredo, eu sou um dos iniciados. Hei de ser o padrinho...

— Joa.

Faça o favor de se explicar,
porque não o entendo.

— Just.

Seu marido disse-me que tinha um filho...

— Joa.

Como?!

— Just.

Isto é que eu não sei, porque ainda não nasceu.

— Joa.

Que diz o senhor?!

— Just. —
(ap.) Com os demônios! Será algum filho natural? (alt.) V. Ex: não sabia de nada?!

— Ira. —
Absolutamente nada. (pana à D.)

— Just. —
(ap.) É uma prova magnífica para o divórcio; pode ainda ser-me útil. (alt.) Pois saiba que seu esposo acaba de confessar-me que tem um filho.

— Ira. —
Tem a certeza d'isso?

— Just. —
Foi elle proprio que m'o disse.

— Ira. —
Ó infame?

— Just. —
Ó infame, não; o marido.

— Ira. —
Que devo fazer?

— Just. —
Primeiramente chamar um bom advogado - a mim, por exemplo. - Somarei conta da

questões, porque estão sempre
do lado da inocência, e V. Ex.^a,
n'este caso, é a inocência.

— Joa. —

E depois?

— Just. —

Uma separação eterna, que
eu me responsabilizo de obter
n'un abrir e fechar d'olhos.

(afoga as mãos de contente)

— Joa. —

E o senhor alegra-se com isso?!

— Just. —

Muitíssimo! (mendando-a) Quero di-
zer: deslora.

(p. a 1) Perverso! Ser-me infiel! A
minha, que tanto o amo, por-
que os ciúmes que agora sinto
fazem-me compreender que
o amo muito!

— Just. —

Pois não devia amá-lo, mi-
nha senhora; não devia amá-lo!

— Joa. —

E por que talvez seja minha

a culpa.

— Just. —

Como?

— Ira. —

Pelo meu genio. Crieia-me: eu apoi-
quentava-o muito com as mi-
nhas rabugices!

— Just. —

Agora desculpa-o.

— Ira. —

Desculpa-o, não; mas recombeço
que não devia dar-lhe nunca
ocasião para que se aborre-
cesse. Meu Deus! como eu sou in-
feliz! Ai! não sei o que sinto!

(andarando, vai até ao sofá) Até o Cinema

— Just. —
fazendo loja impedindo Júlia de sentar e lhe negando
(correndo a tirar o chapéu) Não! não! Espe-
re minha senhora; não des-
maie ainda. (toma o chapéu) Agora
pode sentar-se.

— Ira. —

Não estou boa... Ai! (eae nos fai demais)

— Just. —

(á FE
gritando) Antonia!... Água! Vinagre!
dele é
(abandonando-a) Minha srª... volte a si!

SCENA VII

Os mesmos, Antónia, des. Eugenio

— Aut. —

(da D.A. a 2) Que foi? Que aconteceu à senhora? Quem tem a culpa?

— Just. —

O marido.

— Aut. —

Descoberiu-se?

— Just. —

Tudo.

Instituto Politécnico de Lisboa

— Aut. —

~~Querido dono diretor,~~ Tudo?!... fia kip
Tudo, menos a criança!

— Just. —

Tudo, menos a criança!

— Aut. —

(do J.E. a 3, carregado de brinquedos) Como o sr.
quero vae ficar contente com
tudo isto! (vendo o jipe) Mas... que
lhe minha mulher?

— Just. —

Ficas furiosa!

— Aut. —

Porquê? Naturalmente foi o
senhor o culpado.

— Just. —

Eu, não!

— Joa. —
(voltando a si) Eugénio...

— Iug. —
Eue queres, minha filha?

— Joa. —
(Ex.) Tens razão de queixa da
tua Joana?

— Iug. —
Nenhuma. E se a tiverse, esque-
cel-a-hia agora. Eue aconteceu?

— Joa. —
(indica ao fundo) Foi este senhor...

— Iug. —
(furioso) O senhor? Eu logo vi!

— Iut. —
Eu! porquê?! de Teatro e Cinema

— Joa. —
(meio chorosa) Fez-me sofrer muito.

— Iug. —
Veja, veja o que o senhor fez.

— Joa. —
Não té sangues. Ja' sei tudo. O
doutor contou-me que...

— Iug. —
O quê?!

— Joa. — 3

Bem vés que me não rango
contigo. Telo contrário; decidi vi-
ver sempre em paz com o meu
querido Ingênuo. Vae buscar o
menino.

— lug. — 2

O menino?! (afunilado) O senhor endoi-
deceu minha mulher?

— Just. — 1

Então eu é que fico com as
culpas de tudo?!

— lug. —

Não me explicará o que a
minha mulher quer dizer?

— Just. —

Diz-lhe que vai buscar o menino.

— Joa. —

Sim, vae buscar-o.

— lug. —

Ei?!... Tu é que deves...

— Joa. —

Queres que eu o vá buscar?! Se
não sei onde está!..

— lug. —

Mas, então que menino é esse?

O teu filho. — Joa. —

Qual filho, irra!... — lug. —

Porquê? Tens mais do que um?! — ~~Joa~~ —

Querem fazer-me endoidecer?! — lug. —

Não dissesse ao doutor que tinha um filho? — Joa. —

Eu, não! Disse que ia tê-lo. — lug. —

E então? — Joa. —

Escusas de dissimular. Tendo provas. — lug. —

Que provas?! — Joa. —

(tomando a capa e a lâmpada) Isto; que é, para mim o Iris da ventura.

— Joa. —

Esse ~~caso~~ ~~assunto~~ comprei eu para o filho da ~~minha~~ prima!

— lug. —
Que dizes?! Não era para nós?!

— Joa. —
Não. É um presente que temos
fazer.

— lug. —
Então tu julgavas que eu tinha
um filho e não te largaste?!
És um anjo!

— Joa. —
Como resolvi que não haja
mais contendas entre nós...

— lug. —
Tens razão. Compreendendo ago-~~* Pux~~
ra quanto vale uma boa
esposa.

— Jant. —
(ap.) Adeus divócio!

— lug. —
Já não vai para Albandra,
não é verdade?

— Joa. —
Não; mando o enxoval a mi-
nha prima.

— lug. —
É melhor comprar outro. Este,

quero conservá-lo como recordação, pois me restituíu a felicidade.

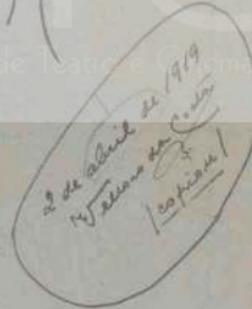
— Junt. —

Sim; e para o que der vier.
"Homem prevenido..."

Total



Instituto Politécnico de Lisboa



L'Escola Superior de Belles Arts de València